

“O MEU CAMINHO É O CAOS”

“MY PATH IS THE CHAOS”

Adriane Figueira Batista¹

DOI: 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2017.134609

Anova poesia portuguesa, produzida por jovens autores desde o início do novo milênio, tem ganhado cada vez mais espaço, porém devido à pouca circulação fora dos limites de Portugal, quase não há publicações dessas pujantes vozes no Brasil. No lugar das grandes e já consagradas editoras, entram na dança as menores com edições simples, número de páginas reduzido e projetos modestos, mas com grande recepção, afinal são nesses espaços que os autores encontram maior liberdade para criar.

É o caso de Cláudia R. Sampaio, jovem poeta lisboeta, com quatro livros publicados em seu país: *Os dias da corja* (Do lado esquerdo - 2014), *A primeira urina da manhã* (Douda correria – 2015), *Ver no escuro* (2016 - Tinta-da-China) e *1025 mg* (2017 - Douda correria). Em 2016, *A primeira urina da manhã* ganhou nova edição também distribuída pela Douda correria. Nenhum publicado no Brasil.

Antes de começar a revelar ao mundo seus escritos poéticos, Cláudia cursou Cinema, na Escola de Teatro e Cinema do antigo Conservatório Nacional Português. Escreveu peças de teatro e atuou como guionista durante curto

¹ Mestranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP).

período. A poeta conta que desde a adolescência já possuía inclinação para a escrita literária, sempre se sentiu bastante à vontade com versos e gostaria de poder um dia escrever um romance.

Vive na capital portuguesa com suas duas gatas, rodeada por plantas, livros e flores, é ativa no cenário alternativo de arte em Lisboa. A poeta e pintora² colabora com antologias, revistas e, com frequência, participa de performances e leituras que divulgam tanto sua obra, como a de amigos, além de consagrados autores.

Durante o mês de junho de 2017, seu mais novo livro foi apresentado ao público português, a recente obra conta com 17 poemas. Nela, Cláudia R. Sampaio persegue fúrias e paixões súbitas em buscas arrebatadas, seguindo o itinerário aberto pelos três livros que o antecederam.

1025 mg é todo erguido em pequenas odes que se entrecruzam formando um grande poema separado somente pelos limites das páginas e marcado por algarismos romanos na parte superior do papel. Em tom obscuro, cru e tenso, nos deparamos com o lirismo ácido, demasiado íntimo, num duplo movimento de voo e queda, onde o chão se abre frente a nossos olhares e devora amores e esperanças, para logo em seguida deitá-los fora com a mesma aspereza.

“Não me queiram converter a convicção: sou lúcido!

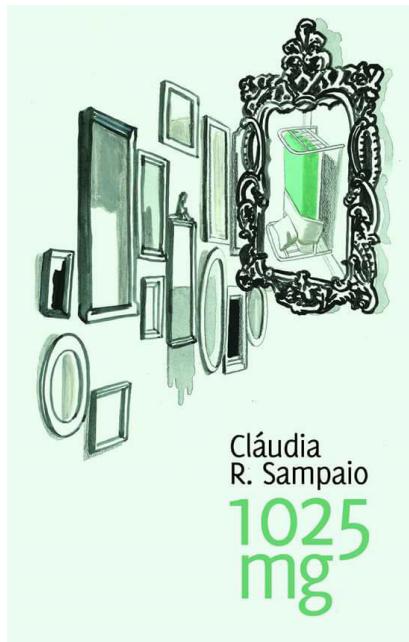
Já disse: sou lúcido.

Nada de estéticas com coração: sou lúcido.

Merda! Sou lúcido.”

² No mês de agosto de 2017, Cláudia R. Sampaio expôs, pela primeira vez, suas pinturas em Lisboa.

Na epígrafe avassaladora de Álvaro de Campos, a poeta inicia essa obra. Com ecos e fulgurações de outrora, porém com interface assustadoramente autoral, marcada pela des-treza ímpar de uma voz insurgente, rebelde, confessional que nasce e morre em algum sítio desconhecido e se prostra imensa diante do *ser*, da própria figura *lúcida* (?) refletida (nesse caso irrefletida, pois seu contorno não se esboça – invisível), nos espelhos que decoram a capa de *1025 mg*.



Cláudia
R. Sampaio
1025
mg

(Ilustração de Mimi Tavares)

Não tenho nome.
Não tenho corpo
Estou agora ao mesmo nível dos

bichos rastejantes e moles.
Sou utópica e livre, um pontinho fosco
dançante acima da minha cabeça.
Tudo é seco e estômago atento
Sou a anti-poeta
Poeta anti-poeta anti-tudo
Tudo me sobrevive e avança... (SAMPAIO, 2017, I)

A poética de Cláudia mergulha numa profunda busca com olhares de espanto e admiração. Uma cama de hospital? 1025 mg – dosagem assistida ou displicemente infligida? Diante das ruínas, essa voz que é corpo, matéria, rasteja, como bicho pelo chão lodoso, e se confessa diante do nada. O silêncio se avoluma, no desvão de uma esquina qualquer se autoproclama anti-poeta, anti-tudo, entre a maravilha e o cansaço da vida que se desbota e colore com a mesma velocidade.

[...] A minha terceira gaveta são cinco espécies diferentes de comprimidos em onda.
Sou tão finda.
Os meus sonhos andam porcos.
Os meus sonhos só existem na calamidade possível.
Sou tão impossível... (SAMPAIO, 2017, XVII)

A descrente poeta caminha entre ânsias e esperas, alma em chamas em meio a restos de corpos híbridos, no eterno grito estridente e inaudível, a força do sexo que engendra a vida e numa guinada brusca a usurpa. Entre nascimentos internos, os objetos e a voz feminina trafegam no escuro das

coisas impossíveis e deitam lugar na efêmera beleza vital, no sopro fugaz das vontades e prazeres humanos.

Mulher forjada em sua própria dor, medo, solidão e finitude. Um corpo que suporta as metamorfoses, que vence o nojo, a desonra e se encontra vazio em meio à multidão de olhares perdidos. Desponta entre o desassossego do que não foi, numa cintilação silenciosa onde tudo está à beira do abismo, do caos, do incógnito que não ousa dizer o nome.

Diante da ausência de edições das obras de Cláudia R. Sampaio no Brasil, esse texto é um modo de abrir caminhos para leituras e recepção crítica dessa grande voz que se ergue na nova poesia feita do outro lado do Atlântico.

SAMPAIO, Cláudia R. 1025 mg. Lisboa: Douda Correria, 2017, 27p.

Submissão: 19/07/2017

Aceite: 16/08/2017